

Juros elevaram dívida pública em 15,6%

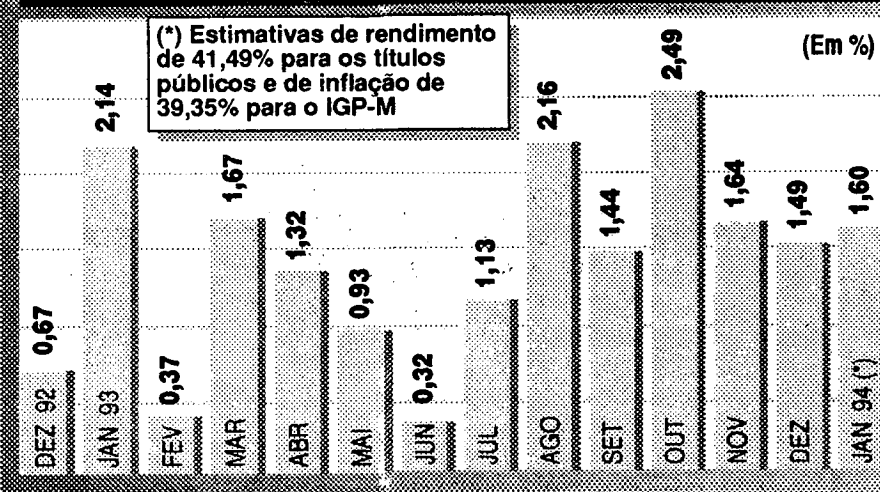
VICENTE NUNES

A dívida pública fechou o ano passado em US\$ 57,6 bilhões, com aumento real de 15,66% em relação a 1992. Esse crescimento decorreu, sobretudo, da política de juros altos praticada pelo Banco Central. As estimativas são do economista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Cláudio Contador, que prevê um quadro ainda mais pessimista para este ano. Segundo ele, o governo terá um custo adicional de US\$ 6 bilhões no carregamento da dívida devido ao aperto na política monetária e as dificuldades que o Banco Central vem enfrentando para rolar a dívida no mercado.

Contador diz que, no Orçamento de 1994, o governo estimou que as taxas de juros ficariam em 15% ao ano acima da inflação, o que resultaria em pouco mais de US\$ 7 bilhões em pagamentos de juros. O que está se vendo, nesse início de janeiro, porém, é o BC vendendo títulos a uma taxa anual de 25%. "Se isto continuar, certamente teremos um aumento ainda maior da dívida interna este ano", avalia Contador.

Na opinião do economista, a situação só tende a melhorar, caso o governo readquirir a confiança dos investidores, de que a inflação ficará sob controle e o tão esperado acerto do déficit público será conseguido. "Caso essa credibilidade não seja restabelecida. Teremos no-

TAXAS REAIS DE JUROS



Obs.: As taxas de juros foram deflacionadas pelo IGP-M

Fonte: Banco Central e Andima

va explosão do endividamento", acrescenta o economista.

Dúvidas — São as dúvidas sobre os rumos da inflação, o principal motivo de o mercado não estar absorvendo os Bônus do Banco Central (BBCs), há três semanas. "Ainda não há dados concretos sobre a inflação de janeiro. Por isso, ao rejeitar os BBCs, o mercado está procurando se proteger, até mesmo porque arcou com prejuízos superiores a US\$ 400 milhões desde setembro último em aplicações nesses papéis", explica o diretor-executivo do Instituto Brasileiro dos Executivos Financeiros (Ibef), Ricardo Henriques.

"Como as taxas dos BBCs são

prefixadas, se a inflação sobe, os juros dos títulos podem ser negativos", acrescenta. Isto, no entanto, não ocorre com as Notas do Tesouro Nacional (NTNs), que oferecem taxa de juro fixa mais a correção cambial. "Mas mesmo assim o mercado ainda está pedindo prêmios mais altos para comprar as NTNs", afirma Henriques.

Rolagem — Há quem considere a rolagem da dívida através de NTNs como positiva, pois esses papéis permitem o alongamento do perfil do endividamento público. Isto realmente seria positivo, se o governo não estivesse vendendo NTNs com vencimento em, no máximo, três meses. Há bem pouco

tempo, o BC estava conseguindo colocar no mercado NTNs de até 15 meses, indexadas ao IGP-M. Esses títulos não representam, hoje, sequer 5% do total da dívida pública em poder do público. A maior parte está lastreada em NTNs de, no máximo, seis meses e BBCs que vencem na próxima quarta-feira, dia 12.

Nessa briga para definir o patamar ideal de juros, todo mundo perde. O Tesouro, porque está sendo obrigado a colocar NTNs cambiais a taxas muito altas; as empresas, que têm seus custos financeiros aumentados; e os trabalhadores não conseguem proteger o dinheiro no mesmo ritmo da inflação e dos juros.

Arte/JB